

DÉCIMO OITAVO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

TEXTO: MARCOS 9.38-50

1. Tema do dia

Estamos no décimo oitavo Domingo após Pentecostes. Sabemos que o período Pós-Pentecostes é um tempo para a Igreja ser edificada com os ensinamentos de Cristo – conectados sempre à Sua Pessoa e obra redentora.

Nem sempre é fácil fazer a conexão das leituras propostas para o Domingo. Às vezes exige-se um pouco mais de estudo e atenção para se perceber a conexão temática e teológica entre as leituras. A certeza que temos do ensino e iluminação do Espírito Santo não dispensam a transpiração no estudo dos textos da Escritura. E isso fica bem claro para nós a cada semana de estudo e preparo para a Santa Pregação.

Por isso, creio que das leituras deste Domingo é possível depreender vários temas: *Providência Divina, Doação e Capacitação do Espírito, Proclamação da Palavra, Cuidado Mútuo.*

2. As leituras do Domingo

No Salmo 104 o salmista convoca a si mesmo a bendizer e enaltecer a YAHWEH – o foco está em YAHWEH – por toda a Sua esplêndida criação e por Ele preservá-la maravilhosamente. Este Salmo tem como pano de fundo Gênesis 1 e é basicamente estruturado em torno dos seis dias da criação. Todavia, sua ênfase está na criação continuada (*creatio continuata*), isto é, no sustento e preservação de toda a Sua obra (vv. 27-28). Pois se o SENHOR esconde o rosto, as criaturas se perturbam (v. 29). O Salmo também faz referência ao assim chamado oitavo dia da criação – o dia da recriação. O Espírito de YAHWEH recria e renova o ser humano em Cristo (o Messias!) pela Palavra (v. 30). O Espírito não apenas cria e sustenta a criação (1º artigo), mas também recria espiritualmente e concede nova vida no Messias (3º e 2º artigos) para que possamos bendizer verdadeiramente o SENHOR.

O texto do Antigo Testamento – Números 11.4-6, 10-16, 24-29 – está conectado com o Salmo 104, pois enfatiza o SENHOR sustentando o Seu povo por meio do maná. No entanto, em vez de bendizerem o SENHOR pela Sua bondade e providência, eles

murmuram e choram. Diante disso, Moisés acha pesada a sua vocação e também desconfia da providência de YAHWEH (vv. 13-14).

Deus vê um problema mais profundo em Israel e Moisés. Não é uma necessidade de alimento físico para satisfazer seu desejo físico, mas uma necessidade de sua Palavra para dar vida espiritual, levando-os a uma confiança plena nele. Em resposta a essa necessidade, Deus concede abundância do Espírito e abundância de profetas. Setenta anciãos se reúnem ao redor da tenda do encontro e recebem o Espírito e profetizam ao povo. Não apenas isso, no arraial Eldade e Medade também recebem o Espírito e estão profetizando. Ao ser confrontado com essa “anomalia”, Moisés olha com esperança para o futuro, ansiando pelo dia em que o Espírito de YAHWEH será derramado sobre todas as pessoas.

O texto da Epístola – Tiago 5.(1-12) 13-30 – nos mostra como vivem aqueles que foram justificados em Cristo e receberam o Espírito Santo. A perícopé sugere que se pode focar nos primeiros dois tópicos nos versículos 1-12 (advertência aos ricos e paciência no sofrimento) ou no terceiro tópico nos versículos 13-20 (o papel da oração e da comunidade de fé). Tiago 5.13-20 enfatiza a importância da oração na vida diária do cristão. A oração em tempos de sofrimento, alegria, louvor, doença, pecado e confissão é vista como uma marca de um seguidor justificado em Cristo. A oração não é apenas um grito de fé a Deus ou uma prática terapêutica; é uma qualidade essencial da vida cristã. Incluída nos versículos 19-20 está a ênfase na importância da comunidade de fé (pastores e leigos!) em ajudar outros crentes a permanecerem no caminho da verdade até a volta de Cristo. Como cristãos batizados e cheios do Espírito devemos viver nossa identidade em Cristo mesmo diante do sofrimento e devemos ajudar nossos irmãos e irmãs a permanecerem fiéis a Cristo.

3. Aprofundamento e destaques do texto de Marcos 9.38-50

Esta passagem segue imediatamente a história de Jesus tomando uma criança nos braços e dizendo: “Quem receber uma criança, tal como esta, em meu nome, recebe a mim” (v. 37). No versículo 42, Jesus diz algo semelhante, mas com a ênfase oposta: “E, se alguém fizer tropeçar um destes pequeninos que creem em mim, seria melhor para esse que uma grande pedra de moinho fosse pendurada ao seu pescoço e fosse jogado no mar”

(v. 42). Marcos situa a conversa sobre o exorcista (vv. 38-41) entre essas duas passagens sobre crianças e pequeninos.

Jesus está “a caminho” (8.27; 9.33), uma frase-código para sua viagem a Jerusalém e à cruz. Até que Pedro o reconhecesse como Cristo (8.29), o ministério de Jesus era caracterizado por milagres e multidões de admiração.

Uma vez revelado como Cristo, Jesus “começou a ensinar-lhes que o Filho do Homem deve sofrer muitas coisas e ser rejeitado pelos anciãos, os principais sacerdotes e os escribas, e ser morto, e depois de três dias ressuscitar” (8.31).

Deste ponto até sua chegada a Jerusalém, Jesus se concentra em preparar os discípulos para o que está por vir. Uma de suas principais ênfases será ajudá-los a entender o discipulado como serviço humilde, em vez de posição e poder (9: 33-42; 10: 13-31, 35-45). A primeira parte de nossa lição do Evangelho é parte dessa ênfase.

V. 38: João é filho de Zebedeu e irmão de Tiago - um dos Filhos do Trovão. Seu apelido sugere uma personalidade vulcânica - muito pronto para agir precipitadamente. É isso que ele faz aqui.

Difícilmente pode-se supor que um homem que nada sabia de Cristo, ou que era apenas um exorcista comum, pudesse ser capaz de operar um milagre em nome de Cristo. Por isso, podemos imaginar com segurança que este era um dos discípulos de João Batista, que havia crido em Jesus. Ou, talvez, um dos setenta, a quem Cristo havia enviado (Lucas 10.1-7). João não pergunta a Jesus como lidar com o exorcista, mas simplesmente relata o que os discípulos fizeram - provavelmente buscando o louvor de Jesus ou pelo menos esperando que ele confirme sua ação.

Observe que João não diz: “Ele não te segue (Jesus)”, mas “ele não nos segue”. Jesus nunca diz: “Sigam-nos”. Ele frequentemente diz: “Siga-me” (1.17; 2.14; 8.34; 10.21). João, sem autoridade, ampliou o conceito de seguimento para incluir os discípulos. No próximo capítulo temos todo o alcance de sua ambição (10.35-45), mas aqui vemos seu início.

Há um tom de frustração no comentário de João. Os discípulos tentaram, aparentemente sem sucesso, parar o homem que estava expulsando demônios. Uma parte de sua frustração certamente decorre de sua falha anterior em realizar um exorcismo (9.14-29). Agora, esses discípulos

“certificados”, ainda sofrendo com o fracasso, falham em impedir um exorcista “não certificado”, mas bem-sucedido, que está usando o nome de Jesus “sem autorização”. João certamente está preocupado aqui, não apenas em proteger a santidade do nome de

Jesus, mas também em proteger o status único dos discípulos. Se Jesus comissionou os doze (6.7-13), ele deve ter a intenção de que eles realizem qualquer trabalho que seja feito em Seu nome - ou assim João imagina.

Vv. 39-40: Os discípulos desenharam um círculo para manter o exorcista fora, mas Jesus redesenhou o círculo para incluí-lo. Aquele que tocou leprosos (1.41), comeu com cobradores de impostos e pecadores (2.15-16), e levou criancinhas em seus braços (9.36) desenha um grande círculo. Os discípulos logo serão lembrados disso quando tentarem impedir que as crianças venham a Jesus (10.13-16). Ao contrário dos escribas e fariseus, que foram contra Jesus desde o início (2.18, 24; 3.6; 7.1-5; 8.11), o exorcista não é um inimigo. O trabalho do exorcista (expulsar demônios ou espíritos malignos) está de acordo com as preocupações de Jesus. Embora esse exorcista não cumprisse o padrão de discipulado autêntico, Jesus mostra simpatia por seu trabalho e incentiva seus discípulos a fazerem o mesmo. Embora seja possível usar o nome de Jesus em vão, Jesus saberia (e diria) se esse fosse o caso aqui.

Um incidente semelhante a este ocorreu séculos antes, quando Moisés designou setenta anciãos, a quem Deus deu Seu Espírito e o dom de profecia.

Eldade e Medade não estavam entre os setenta, mas também profetizaram. Josué chamou Moisés para deter Eldade e Medade, “Porém Moisés lhe disse: — Você está com ciúmes por mim? Eu gostaria que todo o povo do SENHOR fosse profeta, que o SENHOR lhes desse o seu Espírito!” (Números 11.29).

Da mesma forma, Jesus chama os discípulos para uma visão mais inclusiva. “Pois quem não é contra nós é a favor de nós” (v. 40). Sempre somos tentados a considerar os cristãos de outras denominações como inferiores - se é que os consideramos cristãos. Talvez, mais precisamente, nós pastores ordenados podemos ter ciúmes de nossas prerrogativas e desprezar os leigos que se engajam no levar Cristo para todos. Cristo nos chama a deixar de lado os ciúmes mesquinhos e a respeitar os dons daqueles que trabalham em Seu nome.

No entanto, cuidado, há uma linha tênue entre aqueles que acreditam de forma diferente (em doutrinas fundamentais secundárias e doutrinas não-fundamentais) e aqueles cujas crenças são incompatíveis com os ensinamentos cristãos (doutrinas fundamentais primárias). A Igreja de Cristo precisa ter o cuidado de seguir e testemunhar os fundamentos da fé - e não “passar por cima” das doutrinas fundamentais na tentativa de acomodar aqueles que acreditam de maneira diferente.

V. 41: A dádiva que Jesus menciona é simples - um copo de água fria - essencial para a vida, mas algo que quase qualquer pessoa pode dar. O copo d'água simboliza qualquer dádiva prática - comida, roupas, abrigo, ajuda financeira ou outra ajuda. Observe a semelhança com a passagem anterior: “Quem receber uma criança, tal como esta, em meu nome, recebe a mim” (v. 37). É o nome de Jesus que identifica a pessoa que acolhe (v. 37) e o recipiente da água (v. 41).

V. 42a: Esses “pequeninos” (*mikrōn*) não se referem apenas às crianças bem pequenas (v.37), mas também aos crentes de uma fé nova ou delicada - pequeninos no sentido de serem vulneráveis. Um cristão maduro na fé pode ignorar uma palavra dura ou mau exemplo, mas os pequeninos podem se “machucar gravemente” com isso. “Fizer tropeçar” (*skandalisē*) pode se referir à perda de fé ou ser levado ao pecado.

V. 42b: Colocada em volta do pescoço de uma pessoa e lançada ao mar, a pedra de moinho carregaria a pessoa rápida e permanentemente para o fundo. A pessoa arrastada para o fundo do mar por uma pedra de moinho teria negado um enterro adequado - um destino terrível aos olhos dos judeus.

Jesus não está sugerindo que afogemos pessoas que fazem outros tropeçarem, mas em vez disso usa uma hipérbole - linguagem exagerada - para dramatizar o perigo de causar ferimentos aos “pequeninos”. O que ele quer dizer é que uma pessoa que faz com que tais “pequeninos” caiam da fé terá um destino terrível nas mãos de Deus - um destino ainda mais terrível do que ser repentinamente e violentamente afogado no mar.

Vv. 43-47: No Antigo Testamento, a *geenna* era um lugar chamado Vale de Hinom onde os ímpios eram punidos. Este era um vale perto de Jerusalém onde sacrifícios humanos às vezes eram praticados (2 Reis 23.10) e onde o lixo de Jerusalém era queimado em fogueiras que nunca esfriavam. Este vale, portanto, é uma metáfora para o lugar de condenação eterna.

Novamente, como no versículo 42, Jesus usa uma hipérbole para dramatizar seu ponto de vista. Ele falou sobre o perigo de uma pessoa fazer com que outra tropece – uma ameaça externa. Agora ele fala sobre o perigo das tentações que surgem dentro de nós – uma ameaça interna.

NOTA: Os versículos 44 e 46 não são encontrados nos manuscritos mais antigos e muitas traduções os omitem.

Essas referências ao inferno são difíceis para muitos cristãos atuais que se sentem incomodados com a ideia do inferno. No entanto, são palavras de Jesus e não ousamos

desconsiderá-las. Esta é a única referência ao inferno e seus tormentos neste Evangelho, e devemos notar que são os discípulos que estão em perigo, e não os descrentes. Tanto o cristão que tropeça quanto o cristão que faz com que outros tropecem estão sujeitos a julgamento (Lei!).

V. 48: Isso deriva de Isaías 66.24: “Eles sairão e verão os cadáveres daqueles que se rebelaram contra mim; porque o seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e eles serão um horror para toda a humanidade.” Em seu contexto original, o versículo de Isaías advertia que aqueles que se opusessem a Deus estariam sujeitos a um julgamento repulsivo. Jesus cita esse versículo para alertar que tal julgamento ainda é possível.

V. 49: Tanto o sal quanto o fogo são úteis para conservar a carne, e os sacrifícios do templo exigiam tanto sal quanto fogo (Levítico 2.13). Aqui, Jesus provavelmente usa sal e fogo para representar as dificuldades que os discípulos experimentarão por sua fidelidade, sugerindo que os discípulos serão as ofertas e que eles serão salgados pela perseguição - uma realidade presente para a Igreja de Marcos, que vivia uma perseguição na época em que este Evangelho foi escrito.

V. 50a: O sal é bom porque torna os alimentos palatáveis e funciona como conservante. O sal puro não perde sua salinidade, mas o sal encontrado nas margens do Mar Morto costuma ser misturado com impurezas a ponto de não ser mais adequado para tempero ou preservação. O sal adulterado serve como uma metáfora para os discípulos que se tornam adulterados com os valores do mundo - perdendo assim o sabor da fé e a capacidade de fazer a diferença no mundo.

V. 50b: Meu entendimento desse versículo é que Jesus está chamando seus discípulos para manter o sal de sua fé enquanto também mantêm a paz uns com os outros - um equilíbrio somente possível pela graça de Deus. Esta é uma palavra útil para a Igreja hoje, onde a paz é frequentemente ameaçada por cristãos que insistem em impor sua própria agenda em vez de trabalhar pacificamente ao lado dos outros. Em certo sentido, este versículo está relacionado ao versículo 39, onde Jesus ordena a João que não pare o homem que está expulsando demônios em Seu nome. Nesse caso, Jesus está nos chamando para estar em paz com os de fora. No versículo 50, Jesus está nos chamando para estar em paz com as pessoas de dentro.

4. Sugestão homilética

Para a pregação do texto, recomendo a pregação expositiva (versículo por versículo) chamando a atenção do ouvinte para o contexto imediato da passagem. Na aplicação do texto, enfatizar que todo batizado – crente em Cristo – é discípulo do Senhor Jesus. Todo discípulo de Jesus recebeu (pela graça!) o Espírito de YAHWEH e está apto a profetizar (pregar o Evangelho).

Não deve haver concorrência ou inveja dentro do Reino de Deus. O foco é anunciar a Jesus Cristo como o Reino de Deus vindo a nós. Cristãos de diferentes denominações, mesmo que não façam parte do mesmo grupo neste mundo, pela fé em Cristo estão no mesmo Corpo de Cristo (*Una Sancta*) e testemunham o mesmo Evangelho (é claro, quando este é anunciado em sua verdade e pureza).

Na sublime tarefa de testemunhar, não cabe a nós fazermos julgamentos sobre a fé do outro cristão (*fides qua*). Mesmo quando tratamos de “corrigir” o conteúdo da fé (*fides quae*) devemos agir com amor, para que não sejamos um tropeço para o irmão fraco. Devemos lembrar que a obra de Deus vai muito além de nós. Todos os crentes verdadeiros são seguidores de Cristo e por isso passam por dificuldades, perseguições e provações. Alegremo-nos pelo fato de o Espírito do SENHOR ter sido derramado sobre nós no Batismo (fazer conexão com o texto do Antigo Testamento). E não somente sobre nós, mas sobre todos os que foram batizados em Cristo. Assim, o nome e a salvação – que é exclusiva de Jesus e em Jesus – chegará (e chegou) onde menos imaginamos.

Rev. César Augusto Delgado